

O VALOR HIPOTEXTUAL DO CONTO “MISSA DO GALO”

Tiago Pellizzaro¹

RESUMO

Este estudo investiga aspectos que levam à transformação do conto “Missa do galo” em palimpsesto. Quase oito décadas depois de sua publicação, a obra *Missa do galo: variações sobre o mesmo tema* é lançada, apresentando seis propostas de aproximação do texto original de Machado de Assis. Noções teóricas acerca da intertextualidade, bem como conceitos formulados pela Estética da Recepção embasam o desenvolvimento desta análise. A principal razão para entender por que a determinadas criações literárias é concedido o estatuto de hipotexto se deve ao fato de que a literatura desempenha uma função social, que se corporifica através do relacionamento prolífico do leitor com o texto. As obras são caracterizadas por indeterminações textuais. Machado intencionalmente as acentua, como se verifica em “Missa do galo”. Essa prática estimula a produção de textos que, de certo modo, procuram dar prosseguimento ao enredo delineado pelo autor carioca.

Palavras-chave: Hipotexto. Leitura. Criação literária. Literatura brasileira. Machado de Assis.

INTRODUÇÃO

A cada dia, novas obras surgem no universo da literatura. Esse fenômeno parece fazer parte de um processo cuja historicidade não tem fim. Há ocasiões em que textos vinculados à tradição literária chegam a se transformar em hipotexto - ou texto-fonte - quando visitados e refeitos por gerações de escritores mais modernas. Segundo Perrone-Moisés, “a primeira condição da intertextualidade é que as obras se dêem por inacabadas, isto é, que permitam e peçam para serem prosseguidas” (1978 , p. 72).

A intertextualidade pressupõe a existência de uma relação entre textos. A dinamicidade que envolve toda produção textual atribui aos autores o poder da criação de elos entre seus trabalhos e os pertencentes ao cânone, o que se dá através da manipulação dos

elementos que compõem a estrutura narrativa. Quanto às conseqüências derivadas do fazer literário, sentencia Kristeva:

O texto literário se apresenta como um sistema de *conexões* múltiplas, que poderíamos descrever como uma estrutura de redes paragramáticas. Chamamos rede paragramática o *modelo tabular* (não-linear) da elaboração da imagem literária; em outros termos, o grafismo dinâmico e espacial que designa a plurideterminação do sentido na linguagem poética (1974, p. 101, grifos da autora).

A principal razão para entender por que a determinadas criações literárias é concedido o estatuto de hipotexto se deve ao fato de que a literatura desempenha uma função social, sendo essa característica divisada, entre outros teóricos, por Hans Robert Jauss. Tal função somente se corporifica através do relacionamento prolífico do leitor com o texto. Da interação propiciada pelo contato que reúne essas duas entidades, nasce o conceito de acontecimento literário, sobre o qual Jauss aprofunda:

Diferentemente do acontecimento político, o literário não possui conseqüências imperiosas, que seguem existindo por si sós e das quais nenhuma geração posterior poderá mais escapar. Ele só logra conseguir seu efeito na medida em que sua recepção se estenda pelas gerações futuras ou seja por elas retomada – na medida, pois, em que haja leitores que novamente se apropriem da obra passada, ou autores que desejem imitá-la, sobrepujá-la ou refutá-la. A literatura como acontecimento cumpre-se fundamentalmente no horizonte de expectativa dos leitores, críticos e autores, seus contemporâneos e pósteros, ao experienciar a obra. (1994, p. 26)

Na ótica de Wolfgang Iser, outro pesquisador dedicado aos estudos da Estética da Recepção, “é só na leitura que a obra enquanto processo adquire seu caráter próprio” (1996, p. 51). Assim, para que ela se concretize, há uma dependência em relação à participação do leitor, que utiliza suas vivências a fim de estabelecer um significado particular ao texto lido.

No momento em que uma narrativa vem a ser publicada, submetendo-se a um processo de difusão sócio-econômico-cultural, o conteúdo nela existente deixa de pertencer com exclusividade ao responsável por sua autoria. Aos leitores são garantidas apropriações que, sob o crivo da subjetividade, advêm do convívio com uma mesma matéria textual. Esse exercício, adotando-se uma visão transubjetiva e inclinada à universalidade, provoca a pluralização de perspectivas, de sensações e de saberes. Segundo Iser, “os textos contêm elementos de indefinição. Essa indeterminação não é um defeito, mas constitui as condições elementares de comunicação do texto que possibilitam que o leitor participe na produção da intenção textual” (1996, p. 57). Assim, preencher os vazios que os textos possuem, já que sem

exceção revelam incompletude, é uma tarefa patrocinadora da consolidação da emancipação humana, alicerçada na abertura à construção de múltiplos sentidos e fonte catalisadora do desenvolvimento de novos textos.

ASPECTOS QUE CONVERTEM UM TEXTO EM HIPOTEXTO

Nem todo texto, porém, tem a propriedade de se transformar em palimpsesto. Um dos requisitos atendidos por Machado de Assis para servir como referencial à inspiração de escritores mais jovens é a consagrada produção literária que legou ao contingente de leitores. Quando o conto “Missa do galo” foi publicado, Machado presidia a Academia Brasileira de Letras, havendo pela totalidade de seu trabalho como crítico, cronista, dramaturgo, poeta, contista e romancista conquistado o reconhecimento de seus pares. A respeito da contribuição prestada por Machado de Assis à profissionalização da crítica literária brasileira, Zilberman destaca:

A recuperação da *Revista Brasileira*, por José Veríssimo, em 1895, é representativa das novas condições de produção intelectual. Não apenas se tratava de um meio apropriado para a comunicação com o público, como se apresentava com a aparência desejada: era especializada, destinada a uma audiência específica, que encarava a literatura como objeto elevado, e não mero passatempo. A presença da *Revista Brasileira*, ao final do século, é sintoma do novo *status* da crítica; e também da diversificação do público e possibilidade de se estabelecer novo diálogo com esses leitores diferenciados, mediados por um veículo próprio e um discurso técnico, para quem a literatura era alvo de consideração científica. Talvez tenha sido a obra de Machado de Assis a que se revelou mais apropriada à nova situação. Quando esta se mostrava madura para acolher a nova crítica, Machado tinha vários livros publicados, entre os quais se contavam *Memórias póstumas de Brás Cubas* e *Quincas Borba*, sua trajetória intelectual já percorrerá escolas diferentes, desde a poesia de influência hugoana e condoreira até a indianista, desde o romance folhetinesco até a prosa paródica ou realista e, talvez o mais importante, apresentava consistência temática e estilística. (1989, p. 89-90)

Lúcia Miguel Pereira faz menção a 39 contos machadianos, entre eles “Missa do galo”, sustentando que “representam não só a culminância da obra de Machado de Assis, como um conjunto cuja harmonia foi raramente atingida” (1988, p. 101). A escritora e pesquisadora mineira aponta à existência de unidade no âmbito da literatura produzida por Machado. A essa conclusão chega quando se propõe a analisar a coerência textual e o ponto de vista que o autor carioca constrói acerca do homem e da vida.

Machado de Assis logrou que suas obras revivessem em vez de ficarem fadadas ao esquecimento dos leitores mais exigentes. É como se além da longevidade que os escritos podem encerrar, conseguisse dar a eles um caráter sempiterno, que permitisse uma leitura atualizada sem maiores danos em contextos ulteriores. Essa característica, na visão de Calvino, possibilita que um texto seja qualificado como “clássico”, pois o escritor destaca que “é clássico aquilo que persiste como rumor mesmo onde predomina a atualidade mais incompatível” (2004, p. 15). A forma com que Machado procedeu ao tratamento temático do amor, da contradição e da corrupção, por exemplo, fez com que suas narrativas perdurassem, pois elas conseguem resistir às mudanças históricas que naturalmente provocam o perecimento de parte ou mesmo da integralidade de enredos pertencentes a épocas progressas.

O fato de haver elementos de indefinição em qualquer texto já encerra um convite - ou mesmo um estímulo - para que, a partir dele, sejam estruturadas diferentes elaborações textuais de cunho informativo, interpretativo e ficcional, entre outras. É fundamental salientar, dentro dessa linha argumentativa, que as indeterminações podem ser acentuadas em decorrência da intencionalidade de seu autor. É o que Machado de Assis fomenta em “Missa do galo”, através das descrições pouco precisas do narrador, que declara na abertura do conto: “nunca pude entender a conversação que tive com uma senhora, há muitos anos, contava eu dezessete, ela trinta” (1977, p. 13). Essa frase atesta a incapacidade, por parte do protagonista, de suprimir as dúvidas provocadas por um episódio singular ocorrido em sua juventude. Na ocasião, o estudante se programara a assistir à “missa do galo na Corte”. Durante a celebração religiosa, entretanto, a imagem de Conceição se apoderara de suas reminiscências.

Nogueira relata: “há impressões dessa noite, que me parecem truncadas ou confusas. Contradigo-me, atrapalho-me. Uma das que ainda tenho frescas é que, em certa ocasião, ela, que era apenas simpática, ficou linda, lindíssima” (1977, p. 19). Percebe-se, novamente, que a incerteza interfere na recordação da conversa que o então jovem entabulara com a esposa de Menezes. No início do diálogo, o interesse do rapaz era maior pelo romance *Os três mosqueteiros*, de Dumas. Aos poucos, os modos de vestir, de caminhar e de falar de Conceição conseguiram surpreendê-lo, de maneira que a mulher foi se tornando cada vez mais atraente que a leitura. Isso explica a repentina substituição, em seu pensamento, da simpatia pela beleza da anfitriã. A admiração que passou a nutrir por esta fê-lo acordar à manifestação de um sentimento inédito em sua vida: a paixão. Neste caso, é válido questionar: haveria explicação exata e inequívoca quanto ao que convencionalmente recebe o nome de paixão? Representaria ela uma disposição afetiva fácil de ser compreendida?

O que se observa, ao contrário, é o crescente mistério incitado por Machado de Assis ao abordar as temáticas da contradição e da paixão em “Missa do galo”. A dissimulação aparece, também, como tema candente do conto machadiano. Ela pode ser exemplificada através do seguinte trecho: “Não! Qual! Acordei por acordar” (1977, p. 15), simbolizando a falsa justificativa de Conceição quanto ao fato de ter despertado mais cedo. Trata-se do fingir, ou melhor, do propósito de ludibriar a outrem que se encontra no cerne das posições adotadas em momentos distintos pelo escrivão e por sua esposa, respectivamente.

Os fragmentos há pouco evocados permitem inferir que Machado amplia as indefinições textuais do conto. O narrador não transmite com segurança ao leitor as informações atinentes à situação que vivenciara na casa de Menezes. Há uma precariedade que influi não apenas no funcionamento da memória de Nogueira, dificultando a recuperação do fato, mas que atua igualmente no seu esforço em compreendê-lo.

Calvino explica que “os clássicos servem para entender quem somos e aonde chegamos” (2004, p. 16). Em “Missa do galo”, Machado de Assis conduz o leitor a um conhecimento mais percuciente, e, portanto, menos incauto de diferentes facetas que a alma humana é capaz de assumir. Entre outros detalhes, o conto expõe as fragilidades de um jovem que mal sabe lidar com as circunstâncias oriundas da manifestação de um sentimento amoroso, a dificuldade de uma esposa em ter um sono tranqüilo na noite em que o marido não dorme em casa porque vai ao encontro da amante, e a tentativa de uma mulher casada em seduzir o hóspede sem ser flagrada por sua mãe, já que não quer deixar qualquer vestígio de uma possível transgressão às convenções sociais.

No que tange aos clássicos, Calvino defende, também, que “são aqueles livros que chegam até nós trazendo consigo as marcas das leituras que precederam a nossa e através de si os traços que deixaram na cultura ou nas culturas que atravessaram” (2004, p. 11). Machado de Assis aproveitou elementos criados por uma gama de escritores mais antigos para que deles pudesse extrair idéias relevantes, efetuando uma abordagem diferenciada em suas obras. Disso resulta a prática machadiana de uma espécie de jogo da intertextualidade, em que tanto explícita como implicitamente se estabelece uma variedade de conexões entre seus textos e os de outros autores. Com o objetivo de elucidar os mecanismos ligados à referência intertextual, Graça Paulino salienta:

ao ler o conto *Missa do Galo*, de Machado de Assis, o leitor se depara com uma cena em que o narrador se compara com D’Artagnan, personagem do romance *Os três mosqueteiros*, de Alexandre Dumas. Aí aparecem explicitamente os nomes da personagem, do romance e

do autor. Porém, mesmo se apenas um deles estivesse presente, já se configuraria uma referência. Diferentemente da referência técnica, nesse caso o leitor pode interpretar a associação entre os dois textos de forma a enriquecer a construção da personagem com a marca da aventura (PAULINO, 1995, p. 29).

Nogueira comenta haver montado no cavalo magro de D'Artagnan para partir em busca de aventuras. Observa-se, nesse caso, a formulação de uma frase em que ocorre o uso do sentido metafórico, a fim de demonstrar o poder que a leitura exerce sobre alguém que se deixa absorver pelo enredo com que seus olhos e mente se deparam. O jovem que saíra de Mangaratiba para estudar no Rio de Janeiro confirma essa assertiva, ao admitir que “dentro em pouco estava completamente ébrio de Dumas” (1977, p. 14).

A pesquisadora novamente se embasa em “Missa do galo” para aclarar o *modus operandi* da alusão, que “é um tipo de intertextualidade fraca, uma vez que se nota apenas uma leve menção a outro texto ou a um componente seu” (PAULINO, 1995, p. 29). A simples revelação da idade de Conceição na abertura do conto alude à personagem feminina típica de Balzac, já que 30 anos era a idade da esposa do escrivão Menezes quando o narrador pela primeira vez assistiria à “missa do galo” no Rio de Janeiro. Paulino complementa:

Trata-se de uma alusão, e não de uma referência, porque, em vez de falar em balzaquiana, Machado, sutilmente, usa apenas a idade, trinta anos. Dá-se a alusão porque a personagem machadiana também apresenta-se solitária e carente. (1995, p. 30)

As identificações realizadas a partir da confrontação do conteúdo de *Missa do galo* com o de textos escritos por outros autores reforça a convicção de que o conto machadiano foi articulado tendo por raiz, entre outras obras, certos hipotextos que nada mais são do que clássicos originários da literatura francesa. Numa passagem em que Nogueira e Conceição dialogam a respeito dos romances que conheciam, interroga-lhe a mulher se já havia lido *A moreninha*. A obra de Joaquim Manuel de Macedo, atrelada ao período efervescente do Romantismo brasileiro, da mesma forma avoca um significado especial dentro do texto ora em análise, operando como palimpsesto.

A REESCRITURA COMO PRESENTIFICAÇÃO DO HIPOTEXTO

Quando um texto literário retoma idéias ou descrições oriundas de outro texto literário que foi anteriormente publicado, este passa a exibir sinais vitais dentro do trabalho mais recente. É como se lhe fossem atribuídos o poder do rejuvenescimento e a imersão em contextos modernos não apenas com suas feições originais, senão, também, através daquilo que empresta às obras posteriormente criadas.

É o que se constata na nada milagrosa multiplicação do conto de Machado de Assis no cenário da literatura brasileira. No prefácio de *Missa do galo: variações sobre o mesmo tema*, Osman Lins esclarece que

imaginava um certo número de ficcionistas, cada um deles aceitando o desafio de refazer, com maior ou menor aproximação, o texto machadiano, que sabíamos insuperável. Este fator, aliás, se era próprio a fazer-nos perder o ânimo, também aliviava-nos: partiríamos para uma aposta antecipadamente perdida. (1977, p. 7)

Adotando perspectivas diferentes, os seis escritores deram forma a suas composições. Nélida Piñon desloca o foco narrativo, concentrando em Menezes a responsabilidade pelo desvelamento do enredo. Esse procedimento assegura ao leitor a possibilidade de inteirar-se quanto à prática adúltera do escrivão, fornecendo minudências sobre a sua convivência com a amante. Osman Lins conserva a narrativa aos cuidados de Nogueira, que em dado momento é acometido por uma febre e tratado com diligência por Conceição. A exposição do jovem no que se refere aos traços físicos da mulher é permeada por uma erotização da linguagem, mas nenhuma relação amorosa entre eles se consubstancia. Julieta de Godoy Ladeira encarrega Conceição de transmitir aos leitores o transcurso da história. A esposa de Menezes não disfarça sua revolta ocasionada pelos reiterados atos de traição do marido, mostra-se arrebatada por Nogueira, procurando sentir o aroma de seu perfume, contemplar o quarto onde ele dorme, ouvir discos do tempo de solteira em sua companhia, mas a esmo arquiteta tais projetos, já que entre a mulher e o rapaz nada além da amizade se consuma. Antônio Callado emprega dois narradores em seu conto “Lembranças de Dona Inácia”. O primeiro ostenta uma voz onisciente, impessoal, para discorrer sobre as recordações da mãe de Conceição. A própria personagem, todavia, após as reticências que assomam no texto, incumbe-se de contar particularidades de seu falecido esposo, homem fiel e cordato que se contrapunha, portanto, à figura de Menezes, enquanto da fechadura da porta de seu quarto repara em sua filha conversando com Nogueira. Para Dona Inácia, por mais devasso que fosse o escrivão, Conceição estava, sim, excedendo os limites da decência com aquele comportamento. Autran Dourado opta por fazer com que um narrador onisciente manipule a

revelação da trama. Em seu conto, Conceição não demonstra passividade com relação às saídas do marido. Na mesma noite em que Menezes se ausenta do leito nupcial, ela dorme com o escrivão juramentado, seu amásio e futuro cônjuge. No que concerne ao episódio que se passara com Nogueira, a mulher anuncia ao novo esposo que teria certa vez beijado os lábios do ávido leitor de *Os três mosqueteiros* quando este se achava desacordado na sala, cena que se assemelha à protagonizada por D. Severina e Inácio no conto machadiano “Uns braços”. Menezes se sente traído por causa da insólita declaração da esposa. Por fim, Lygia Fagundes Telles reconstrói “Missa do galo” por meio de um narrador onisciente homodiegético que recupera cenas do encontro de Nogueira com Conceição naquela noite de Natal. Afetado pela certeza de que nenhum *affaire* está reservado ao destino de ambos, insurge-se contra os fatos, desejando alterá-los, mas anódino é o seu empenho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A arte não deve ter caráter repressivo. O fazer artístico convida ao gozo da liberdade, respaldando a convivência de diferentes expressões. Inegavelmente, quanto maior for a repercussão de uma obra escrita, maior é a probabilidade de que venha a se tornar um hipotexto. Além disso, as indefinições textuais contidas em clássicos literários acabam por instigar novas produções nesse segmento, como sucede com o conto machadiano “Missa do galo”. Que pormenores faziam parte do relacionamento extraconjugal de Menezes? Com que se ocupava Dona Inácia no momento em que a conversa de sua filha com o rapaz transcorria na sala? Será que estava mesmo dormindo? Machado de Assis não discorre a respeito de tais particularidades, optando pela manutenção do mistério sobre elas. Isso oportuniza que sua obra seja prosseguida por outros autores, como é o caso de Nélide Piñon e Antonio Callado. Ambos produzem histórias tendo como mote aspectos que não estavam sendo revelados no hipotexto. Os demais escritores modificam o comportamento dos personagens (Autran Dourado), exploram novas situações envolvendo Nogueira e Conceição (Osman Lins e Julieta de Godoy Ladeira), ou, ainda, preservam o enredo, desenvolvendo um foco narrativo diferenciado (Lígia Fagundes Telles).

Gabriel Perissé (2003), ao justificar os mecanismos de imitação inteligente presentes no âmbito da criação textual, sustenta que grandes escritores são ao mesmo tempo grandes leitores. É necessário acrescentar: são grandes leitores de escritores representativos do universo da literatura, bem como de textos cuja estrutura não é menos digna de importância.

Machado de Assis, como foi dito anteriormente, apoiou-se em diversos romancistas para delinear enredos. Seguindo semelhante itinerário, os autores de *Missa do galo: variações sobre o mesmo tema* ensaiaram reescrituras que, conforme eles próprios admitiram, mesmo incapazes de superar o talento e a engenhosidade machadianos, ao menos aspiraram à grandeza por prestarem homenagem àquele que representa um dos pilares da prosa brasileira.

“MISSA DO GALO” HYPERTEXTUAL VALUE

ABSTRACT

This study investigates the aspects that led to the transformation of the narrative “Missa do galo” into a palimpsest. Almost eight decades after its publication, the work *Missa do galo: variações sobre o mesmo tema* is released, presenting six proposals for approximations to the original text, by Machado de Assis. Theoretical notions about intertextuality, as well as concepts formulated by the Reception Aesthetics, underlie the development of this analysis. The main reason to understand why certain literary creations receive the hypotext status is the fact that literature has a social role, which takes form through the prolific relationship between the reader and the text. The works are characterized by textual indecisiveness. Machado intentionally emphasizes them, as it is seen in “Missa do galo”. This practice stimulates textual productions that, in a certain way, seek to go on with the plot outlined by the *carioca* author.

Keywords: Hypotext. Reading. Literary Creation. Brazilian Literature. Machado de Assis.

NOTA

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC).

REFERÊNCIAS

- ASSIS, Machado de et al. *Missa do galo: variações sobre o mesmo tema*. São Paulo: Summus, 1977.
- CALVINO, Ítalo. *Por que ler os clássicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- ISER, Wolfgang. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. São Paulo: Editora 34, 1996.
- JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. São Paulo: Ática, 1994.
- KRISTEVA, Júlia. *Introdução à semanálise*. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- PAULINO, Graça. *Intertextualidades: teoria e prática*. Belo Horizonte: Lê, 1995.
- PEREIRA, Lúcia Miguel. *História da literatura brasileira: prosa de ficção (de 1870 a 1920)*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.
- PERISSÉ, Gabriel. *O conceito de plágio criativo*. Disponível em: <www.hottopos.com/videtur18/gabriel.htm>. Acesso em: 20 nov. 2007.
- PERRONE-MOISÉS, L. Crítica e intertextualidade. In: _____. *Texto, crítica, escritura*. São Paulo: Ática, 1978.
- ZILBERMAN, Regina. *Estética da recepção e história da literatura*. São Paulo: Ática, 1989.